

A família à luz da ficção (notas para uma pesquisa)

Daniela Nogueira Amaral
Universidade Federal de Sergipe

Resumo: A importância da literatura como dado sociológico é insistentemente ratificada, a despeito controvérsias entre os diversos paradigmas. Sem desconhecer tais percursos e até por conta dos mesmos, parece-nos prolífico estudar aspectos da estrutura familiar moderna à luz da ficção. Porém, sabemos que a matéria da qual a arte literária se alimenta não se faz com platitudes ou harmonias modelares. Assim, são justamente os conflitos elencados amiúde pela pena dos escritores que queremos explorar para tentar entender com maior abrangência os retratos familiares eleitos pelas narrativas. Retratos que, muitas vezes divergindo das projeções mais otimistas quanto ao lugar da família na galeria dos afetos mais diletos, acabam por revelar lados divergentes de uma instituição de tez híbrida, erigida entre o público e o privado. Desse modo, a verdade das mentiras inventariadas através do aporte literário pode traduzir, sociologicamente, o enquadramento que entroniza a família com um perfil de dupla face - entre a degenerescência que expõe a crueldade que a proximidade pode suscitar e o refúgio mais acolhedor e emblemático diante do desafio das contingências.

Palavras-chave: Família, Literatura, Modernidade

Abstract: The importance of literature as a sociological source is repeatedly ratified, despite the controversy. Without discounting these pathways, it seems prolific to study aspects of modern family structure based on the fiction. Nevertheless, we know that the material that feeds literary art is not made by platitudes or exemplary harmonies. Thus, what we want to precisely explore is the conflicts listed by the quills of the writers, in order to better understand familiar portraits elected by the narratives. Portraits that, often diverging from the most optimistic projections about the place in the gallery of family affection, turn out different sides of a hybrid institution, built between the public and private sectors. Thus, the literary text can translate, sociologically, the family institution and its double-sided profile - between the degeneration that exposes the cruelty and the more welcoming and emblematic shelter face the challenges of daily life.

Palavras-chaves: Family, Literature, Modernity

Introdução

A despeito das controvérsias em atribuímos à ficção, romanesca ou teatral, igual legitimidade como dado sociológico, as estruturas narrativas se prestam às mais diferentes investigações, tanto no que concerne ao artístico propriamente, quanto àquilo que extrapola suas fronteiras. Assim, quando nos referimos à análise literária, aqui considerada do ponto de vista da palavra como construtora de histórias, encenadas ou plasmadas no papel, o nosso leque interpretativo é tanto mais esparso quanto mais complexo e entrecruzado; filosofia, sociologia, psicanálise, direito, religião são alguns dos aportes com os quais podemos abordar o universo ficcional, a depender das questões que desejamos esclarecer ou ampliar. Desse modo, não nos parece nenhum truísmo enfatizar a utilização da literatura como fonte inesgotável de investigação científica, dilatando em suas inúmeras nuances aspectos da universalidade humana que, sem perder seu caráter de especificidade e vínculo espaço-temporal, acabam por constituir um inigualável palimpsesto onde o texto e a tese nele alicerçada perfazem juntos os sentidos sem se contrapor.

Nesse jogo de fusões, em que muitas respostas são permeadas pelas ideologias e mesmo moralismos do artista, as escolas e as tendências de uma época - romântica, realista, moderna, pós-

moderna - debandam, muitas vezes, do voluntarismo aural e dos limites do contexto, engrossando um *topos*, em que as prospecções ou resoluções de conflitos desvelam itinerários míticos e mesmo arquetípicos, ainda que de forma fictícia e, talvez até por isso mesmo, extremamente abrangentes. Nesse aspecto, o mote das mentiras que encerram verdades não deve ser julgado ultrapassado, mas debatido à luz de julgamentos que, sem descurarem do específico, acabam por ampliar o canônico. Leia-se aqui o canônico como idéia reiterada, sem que esqueçamos as contingências, implicações culturais, políticas, econômicas e os de juízos de valor que conferem superioridade a determinadas obras.

Quando pensamos em família e em suas configurações sociais, as tessituras ficcionais – o duplo enlace das máscaras, artísticas e cotidianas, ou a representação das representações - erigem um espaço comum para expor e emoldurar os seus retratos; vale dizer uma heterodoxa galeria de conflitos que, como num oximoro, agrega e fragmenta um *phatos*, para melhor espelhá-lo. Lembrando a frase emblemática de Tolstói: “todas as famílias felizes são iguais, as infelizes são infelizes cada uma à sua maneira”, ousamos acrescentar que no universo textual, escrito ou encenado, o mundo da família é, na maioria das vezes, o mundo da degenerescência, das lutas primordiais pelo poder, da inveja, da intolerância, da transgressão e mesmo do patológico. Se considerarmos o romantismo como uma ilha de projeções idealizantes, em que a felicidade familiar correspondia mais aos sonhos atávicos de complementaridade entre homens e mulheres do que ao recorte tipológico dos afetos mais complexos e nem sempre tranquilos ou redentores, essa perspectiva surge ainda mais contundente.

A partir do Realismo e suas pretensões de correção cientificista, e mesmo muito antes das divisões da literatura em escolas, incluindo aqui o teatro, as composições familiares são uma espécie de ópera da traição e da discórdia, palco de ilusionismos e embates. Das tragédias à dramaturgia de Shakespeare, dos cáusticos romances da segunda metade do século XIX e suas críticas ao casamento burguês como lugar do adultério, não nos parece raro que as relações familiares focadas pela ficção engendrem e sejam perpassadas por brigas, por hipocrisias, por condutas éticas extremamente condenáveis; disputas ínfimas e vis que conferem aos costumes e aos hábitos o epíteto do falso e do oportunista. A família surge, enfim, como um microcosmo de pendores degradados em que pecado e culpa, subserviência e autoritarismo convergem, vinculando parentesco a desafetos humanos, terrivelmente humanos. Nesse aspecto, uma polifonia de descontentamentos põe em cheque, ao tempo que também evidencia, a idéia de família harmoniosa, posto que as estruturas que a constituem, se não devidamente alicerçadas, sucumbem ao tempo, ao meio, às contingências e sobretudo às ilusões do imaginário e suas projeções mais ególatras.⁵

Na arquitetura dos dramas pessoais subsumidos no interior das circunstâncias mais cotidianas; parricídio, incesto, disputas entre irmãos, mágoas maternas, tipos infantilizados revelam à demão das tintas que disfarçam as rachaduras das paredes que sustentam os lares menos doces, mas não as suprimem. Outrossim, a família na ficção, grosso modo, revela as mentiras que podem existir na família real ou, melhor dizendo, tipifica o avesso das apologias que a consagram. Ainda que de forma, muitas vezes, caricata, a arte condensa, nessa projeção específica, o equilíbrio e refúgio familiares

5

Cf. Hauser, 2003.

como farsa. - pais, filhos, agregados, subalternos desenham juntos um emblemático painel daquilo que não sendo, acaba por corroborar as vantagens da utopia entressonhada do que deveria ser.

Já se disse que todo sátiro é no fundo um moralista, talvez o sentido iconoclasta dos retratos familiares eleitos pela arte resida nessa máxima e nos ajude a entender a ambivalência da ficção, e dos ficcionistas logicamente, quando detratam a família e insistentemente a reafirmam. Assim, nesse contexto, de tão dúbios e controversos decalques, o percurso da célula mãe da sociedade descortinado pelos romances, novelas, crônicas, peças, filmes e afins acaba por transgredir muitos dos construtos simbolicamente positivos que o sedimenta, enfatizando limites que longe de estar além do bem e do mal, mais nítidos os diferenciam entre cultura e natureza, instinto e civilidade, verdade e blasfêmia. Nesse imbróglio, as histórias irreais refletem a perspectiva mais crítica e mesmo cínica em relação aos arranjos familiares, pois que aglutinam, num mesmo olhar, o perverso e o suspeito como atributos irredutíveis da convivência parental. Desse modo, a família vive, literária e artisticamente, muitas vezes, à custa de aspectos que lhe amplificam o avesso dos modelos de socialização que generalizam sua importância na hierarquia dos afetos mais diletos. Assentada na base do que nos distingue moralmente como seres humanos, sua representação ideal-típica, resvala, nos “bosques da ficção”, para o burlesco mais mesquinho - longe do altar das virtudes, o porão dos vícios e dos ardis mais sórdidos.

É importante sublinhar que se pode nos parecer complexo e até problemático dizer que essa representação ou essas representações de família espelham um recorte generalista, ao menos devemos considerar que ela, a família das histórias, reflete um olhar potencialmente relevante. Afinal, se os artistas que a elaboram não podem ser considerados do ponto de vista quantitativo, visto que representam apenas uma parcela ínfima da população, devem ser percebidos significativamente, porque a maneira como criticam, caracterizam, tematizam a família em suas obras alcança uma inquestionável visibilidade. O senso comum pode não comungar com tais “avaliações” da estrutura familiar, mas se inclui nesse processo à medida que por ele é influenciado, corroborando ou confrontando os valores que o determinam.⁶

Se considerarmos a arte como o espaço onde as idéias e os sentimentos são reificados, a personagem família desponta para os holofotes de modo ambivalente, porque os seus retratos em negativo acabam por reproduzir e condensar o enquadramento que a família de verdade faz de si mesma, alimentando a *doxa* por meio de seus antagonismos. Nesse embate, a idéia de família encerra um tipo que oscila fora dos compassos, ora reverenciada como refúgio para os tormentos do mundo - solidariedade e descanso entre consangüíneos - ora como sombra para egoísmos e dissabores de todos os gêneros e gêneros - no limite, as ruas da casa sucumbem ao desconforto das proximidades e do inegável das predileções e suas injustiças. Ver as pessoas de perto desmancha seus papéis montados para o *script* das pressões externas, porque as paixões se refratam no cotidiano e os desejos não podem ser escondidos diuturnamente.

A metáfora do teatro utilizada por Erving Goffman é emblemática para entender de forma melhor o alcance dos laços ou nós, se preferirmos, que individualizam os pertencimentos familiares, reforçando-os ou dirimindo-os. “As tiranias da intimidade” surgem, enfim, em toda sua complexidade, mesmo quando involuntariamente permitidas, porque flagradas em seus detalhes mais indignos,

ainda que comezinhos.⁷

Nos limites desse epítome é que inserimos o nosso objeto de estudo, ao tempo que o problematizamos – a caracterização ideal-típica que exemplifica a família ficcionalmente condensa um roteiro, no mínimo, pouco elogioso para representá-la em diferentes temporalidades, configurando-a mais como um lócus universalista de perversão e disputa do que como refúgio fraternalmente incorruptível. Isso posto, cabe sublinhar algumas obras importantes da literatura e teatro nacionais que demonstram essa tese, reforçando o argumento – a família fictícia é tanto mais verossímil quanto mais problemática, porque engloba nos seus construtos a dissolução de regras basilares de civilidade; a proximidade das pessoas revela mais profundamente seus instintos do que seus princípios, ratificando e reatualizando, em muitas nuances, ditos populares como: “Quem não te conhece, que te compre”, “Parente é serpente”, “Quer saber quem é alguém, vá morar junto com ele”.

A priori, a seleção de alguns autores nos parece fecunda para expor esse quadro tantas vezes decalcado desse tipo de família paradoxalmente nada modelar. Para compor os pormenores da imagem e, conseqüentemente, do contexto em ela se insere - as primeiras décadas do século 20 - o teatro de Nelson Rodrigues, ainda que debatido, louvado ou criticado à náusea; o livros de contos “Laços de Família” de Clarice Lispector, “Guerras de Casal” e “Novelas Nada Exemplares” de Dalton Trevisan. Reproduzindo o mesmo mote, numa temporalidade mais contemporânea, Raduan Nassar, com o romance “Lavoura Arcaica”, Cíntia Moscovich com o conto Coração de Mãe, publicado na revista *Granta*, e Milton Hatoum com o romance *Dois irmãos*.

Sabendo que a lista de autores pode parecer extensa, reiteramos que a análise não deve incidir sobre a especificidade de cada escritor, mas na maneira como em seus recortes ficcionais, a degenerescência das famílias é enfatizada em paralelismos que superam idiossincrasias de estilo para compor um mesmo vitral com caquinhos de diferentes cores e tamanhos. Vale esclarecer que não vale a pena nos perdermos em análises que descambem para psicologismos que pouco acrescentem às relações familiares ideal-típicas que nos propomos realçar, mas, outrossim, entender melhor a sociologia da família, a partir de retratos ficcionais da família brasileira, num tempo recente, à luz da sociologia da literatura.

1. Em torno do conceito de família

Talvez conceituar família seja aparentemente fácil porque o signo lingüístico que a define incide, sobretudo, nas relações parentais consangüíneas que a alicerçam. Entretanto, se o percurso histórico dessas relações se amplia ou condensa, contextualizando-se em modelos diferenciados, o mais oportuno é tentar entender como vínculos genealógicos acabam por configurar atitudes de solidariedade, compromisso, hierarquia e pertencimento dentro de limites que extrapolam os contornos do lar, sem deixar de instaurar algumas de suas estruturas morais e de obrigatoriedade recíproca entre seus membros, mesmo quando esses já não estão sob o mesmo teto. A metáfora da árvore genealógica como símbolo dessa geografia de afetos nos parece extremamente verossímil para espelhar a imagem ou as imagens mais recorrentes que fazemos de família.

7

Cf. Goffman, 1985.

Desse modo, sem esquecer que muitos historiadores, sociólogos e antropólogos têm chamado a atenção para notável variação entre as formas de família e outros têm buscado identificar características mais generalistas que universalizam alguns dos seus construtos; a família patriarcal, a família nuclear, a família moderna ou pós-moderna e seus novos agregados, oriundos de formas recentes de conjugalidade, de certa maneira, não fogem a esse *locus* social de significados tão profundos, ainda que controversos. Por outro lado, “uma família não seria capaz de existir sem sociedade, isto é, sem a pluralidade de famílias prontas a reconhecer que existem outros laços afora os da consangüinidade, e que o processo natural de filiação somente pode prosseguir através do processo social de aliança.”⁸ Isso posto, os contornos simplificados que podem definir genealogicamente as relações familiares se distendem de maneira agregadora, normas culturais sedimentadas por relações de parentesco passam a abarcar outras normas quando novos membros se incluem nas famílias em virtude do matrimônio, ou de formas menos convencionais de vinculação sexual. Não esqueçamos que a proibição do incesto como dado fundante das organizações familiares instituiu um outro elemento nas malhas do biológico, configurando a espécie humana entre natureza e cultura.

Entretanto, a despeito do enorme leque cultural que pode advir dos vínculos de famílias que se unem compondo novas famílias, queremos enfatizar uma das questões que põem em evidência a complexidade de sentimentos que anteparam as relações parentais de modo recorrente - os primeiros arranjos familiares e seus limites de dependência emocional e econômica, a família em que nascemos, não diz respeito às nossas escolhas, e a maneira como vamos lidar, muitas vezes, com pessoas com as quais não temos nenhuma afinidade, a despeito de serem pais, avós, irmãos, tios, primos, parentes enfim, suscita comportamentos conflituosos e difíceis. Os parentes podem não fazer parte do rol de pessoas de nossa predileção, mas a obrigatoriedade de representarmos para com eles, num espaço em que a espontaneidade gera o desleixo, atitudes mais impositivas do que voluntárias já fomenta uma enormidade de comportamentos que fogem da cordialidade imposta ou natural, resvalando para disputas de poder, tanto mais recorrentes quanto mais combatidas. Esse percalços oriundos e inalienáveis das relações familiares não passam ao largo das configurações ideal-típicas que fazem deles a ficção. Aliás, é sabido que a arte e, sobretudo, a literatura não se faz, grosso modo, com platitudes, com a representação do louvável ou do pacífico, mas do jogo de conflitos entre personagens, a partir de embates que particularizam histórias, ao tempo em que as inserem numa categoria de universalismos dramáticos, passionais e mesmo trágicos.⁹

A ficção retrata o sofrimento, o pecado, a culpa, a indiferença, ou a regeneração mais catártica. Nessa perspectiva, cabe reiterar, que as redes que unem familiarmente as pessoas são exaltadas, nas obras de ficção, sob o signo das dificuldades, tanto no que diz respeito à conciliação de papéis sociais fraturados por antipatias no interior de um espaço que desvela preferências, fomentando discórdias, quanto no que se refere à falta de privacidade e livre arbítrio protagonizados tão amplamente nos recuos da intimidade.

8 Cf. Roudinesco:2003:15.

9 Cf. Heilborn, 2004.

Se, no Brasil, a grande família patriarcal, afirmada num contexto da cultura rural e magistralmente narrada e descrita por Gilberto Freire em suas obras, já entrou em declínio há tempos, devemos considerar que os ecos de suas concepções ideológicas e mesmo econômicas fizeram-se presentes de modo diferenciado nas pequenas famílias urbanas do início do século XX. Assim, muitas configurações familiares tradicionais baseadas na hierarquia entre os sexos foram largamente enfocadas pela literatura de ficção; a família burguesa com sua rígida divisão de poder, de trabalho e consequentemente de socialização dos filhos é pano de fundo, ou melhor, personagem principal de muitas obras da literatura brasileira que correspondem às primeiras décadas do século passado. A família surge, assim, como uma escultura compacta que se locomove à custa de excessos convenientemente escondidos pelas aparências: brigas entre cônjuges, fruto, muitas vezes, de adultérios que asseguram à divisão de gêneros uma compleição tipicamente machista - a naturalização da traição masculina e a culpabilidade da traição feminina -; casos de incesto, de maus tratos, de ódios e disputas pululam nas páginas literárias como escândalos resolvidos ou apenas silenciados numa solidariedade às avessas, marcada pelo prosaísmo hipócrita das relações parentais. Nesse sentido, podemos conjecturar que a literatura, incluindo o teatro, com um vezo substancialmente polêmico, expõe as mazelas da sociedade e do humano, glosando o microcosmos familiar como centro de suas tensões e dissabores.¹⁰

Lembremos que se consideramos, no sentido mais abrangente, a divisão que limita a arte a temáticas e escolas, vale dizer que duas grandes perspectivas norteiam as obras de ficção a partir do século XIX - a leitura romântica e a observação realista. Se a primeira tentou idealizar uma ordem de beleza fictícia e a segunda testemunhar uma desordem de misérias reais, ambas se inserem nessa padronização dos recortes familiares feitos em território nacional por ícones da nossa literatura. Logicamente, o que salta aos olhos em muitas obras das décadas de 40 e 60 é o inequívoco substrato realista, mas não podemos esquecer que a ele se molda, nas entrelinhas, uma crítica à dissolução de valores eivada de saudosismos travestidos em correções edificantes. Afinal, se os românticos, moralistas de um maniqueísmo platônico, presos em estereótipos de dupla face, desvelaram o extremado bem e o execrado mal, e os realistas, convictos descrentes do bem, evidenciaram apenas o sombrio e oportunista das pequenas e grandes engrenagens sociais, condutores irreversível de catástrofes pessoais e coletivas, ambos deserdaram a razão de suas promessas redentoras; o que acaba por justificar muitas das alegorias, romântica e realisticamente, atribuídas à família por inúmeros autores quando a condenam ou a santificam de maneira extremada.

Nos recantos do lar, a razão sucumbe à proximidade; no convívio com emoções que não podem ser permanentemente escondidas, o que se percebe são múltiplas regras esgarçadas pelo descontrole dos sentimentos e dos sentidos, onde a veia da sexualidade, quando não sublimada por epifanias substitutivas, é tanto mais reprimida quanto ressaltada. Aliás, cabe colocar que o sexo é o pretexto para a derrocada das famílias ou para sua ascensão; o modo como se administra o sexo, comumente associado à queda e à luxúria, dá o tom trágico e dissoluto de inúmeras relações parentais e seus oportunismos.

Com as devidas implicações que o contexto histórico delineia, muito escritores brasileiros

10

Idem, *Ibidem*.

contemporâneos continuam realçando as relações de família em suas particularidades degenerativas, apesar dessas relações, principalmente a autoridade paterna, aparecerem de maneira desgastada, e os filhos conviverem com relações de poder mais diluídas, o espelho ficcional continua a refletir melhor os recuos do que os avanços, ressuscitando mortos nas intrincadas linhas que costuram os pertencimentos familiares a costumes tão plurais quanto recorrentes. Sob essa ótica, apesar do casamento, embrião primordial de novos núcleos familiares, ter se revestido com outras formas de conjugalidade, e os compromissos, papéis sociais e responsabilidades de gênero terem mudado tão amplamente, as alegorias com as quais a ficção inscreve essas transformações é mais formal que conteudística, visto que os contornos do lar ou dos lares continuam sob a mais rigorosa suspeita. Assim, os protagonistas de tão conturbado enredo subvertem a ordem e parecem sempre começar pelo epílogo, cujos trechos finais podem compor um *post escriptum* ou a projeção de um outro capítulo que pode ser traduzido e completado, de forma ambivalente, pelas expectativas, promissoras ou niilistas, do leitor.

Dessa maneira, podemos arriscar dizer que, no que diz respeito à família, à luz da ficção, só subsistem, numa grande maioria de obras, de modo contraditório, exemplar e insistente, quase como caricatura trágica, cômica ou dramática, as famílias infelizes e suas personagens tristemente ideal-típicas.

2. Um desafio metodológico

Um dos desafios do cientista social é instituir uma compreensão sociológica que ambiciona substituir a opacidade e aparente incoerência do mundo por imagens intelectuais, pela inteligibilidade das relações, transpondo a confusão do real por um conjunto de pressupostos que o reorganize de maneira mais coerente, racional e inteligível. Este projeto leva em consideração o sentido que os indivíduos dão a sua conduta, a humanidade com a qual se inscrevem na natureza. Enfatizando, por conseguinte, que as comunicações individuais são engendradas por interlocuções em que o espaço da interação é assegurado. Isso posto, conclui-se que o objeto e o objetivo da sociologia compreensiva é o entendimento da ação específica, intersubjetiva, a ação que se revela também na sua significação para o outro, ressaltando-se que, como qualquer empreendimento de conhecimento racional, a sociologia se funde à experimentação, à empiria, no sentido mais abrangente do termo.¹¹

Nesse campo do conhecimento, a análise tipológica é um instrumento profícuo para ordenar dados coletados, classificá-los segundo atributos de pertinência, encontrar variáveis escondidas que explicam as mudanças nas diferentes dimensões observadas. Cabe ressaltar que se para Max Weber, pai do conceito de tipo ideal como instrumento de investigação sociológica, nenhuma análise ou imputação causal pode significar ou abranger a totalidade, as abordagens que têm como método o aporte weberiano não devem resvalar para o monismo intelectual que caracteriza observações incautas, mas entender que mesmos os mais abrangentes resultados não cobrem e nem podem assegurar a totalidade. Nesse sentido, a abordagem ideal-típica configura-se de modo menos pretensioso e talvez, por isso mesmo, focado mais profundamente no objeto em estudo.¹²

O método consiste em moldar de maneira formalmente exagerada o objeto em de suas partes,

11 Cf. Schanapper, 1999.

12 Cf. Weber, 1982.

aparente e observável, tendo como esteio até mesmo uma espécie de intuição eletiva para isolá-lo. Por isso, os pontos de vista conotados pelo pensamento do pesquisador existem no plano das idéias sobre os fenômenos e nunca *ipsis literis* no fenômeno em si. Desse modo, não nos parece incoerente aproximar o sociólogo de inspiração weberiana do artista que exalta, em suas construções, aspectos da realidade exageradamente decalcados, não como representação de um conjunto de atributos equitativamente distribuídos na composição de um tipo, mas como recorte que o revela numa verticalidade hiperbólica e ainda assim lhe confere um substrato verossímil e exemplarmente relevante.

Vale sublinhar que a constância de certas configurações ideal-típicas não invalida o componente caricato que deve caracterizá-las, mas, ao contrário, enaltece com maior contundência determinados aspectos da sua compleição que devem ser considerados. É isso que, de alguma forma, acontece com a construção ideal-típica da família brasileira feita pela ficção. Nos moldes em que os arranjos familiares constituem, fundamentalmente, os aspectos mais importantes enfocados nas obras; em que o movimento das personagens é fruto dos intrincados vínculos que as prendem às relações parentais, os contornos familiares se inserem numa categorização ideal-típica delineada insistentemente sob o signo da transgressão das próprias regras que conferem às famílias o status de acolhimento, refúgio e amorosidade diante das pressões sociais externas.

Estudar componentes significativos dessas conotações literárias soa como uma maneira duplamente ideal-típica de abordagem, afinal, os artistas estruturam ou desestruturam seus álbuns de família, privilegiando e distendendo as características que eles pretendem enfatizar. Por isso, as escolhas, feitas pelos sociólogos, dos retratos que compõem esses álbuns, elencadas com um objetivo analítico definido, mais ampliam os pormenores e nuances que estruturam o tipo ideal e as taxonomias que o delimitam.

Assim, vale a pena corroborar que podemos inserir a literatura como um dado sociológico que pode ser apreendido através de pressupostos ideal-típicos de inspiração weberiana dentro das “modalidades de narrativas que nas ciências sociais estão comprometidas principalmente com a compreensão do que pode ser a realidade social, tendo em conta o indivíduo e a sociedade, os indivíduos e as coletividades, a identidade e a alteridade, o cotidiano e o mundo da vida, aprendendo relações e processos não só sócio-culturais e político-econômicos como também psicossociais, subjetivos ou objetivos.”¹³

Desse modo, ainda que os engajamentos científicos e artísticos reverberem diferencialmente no que diz respeito à intencionalidade com a qual desenham o objeto focado para estudá-lo - conhecendo-o, ou concebê-lo - delimitando-o, ambos se anteparam em perspectivas comuns quanto à abordagem ideal-típica; ainda que os primeiros tentem legendar verdades e os segundos busquem construí-la.

Referencias Bibliográficas

BECKER, Howard. S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. Tradução de Marcos Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1993.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. Tradução. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Cia Das Letras, 1996.
- BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Tradução. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000. (Coleção Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro)
- _____. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- FACINA, Adriana. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Coleção Ciências Sociais Passo-a-Passo).
- GALINO, Luciano. *Dicionário de Sociologia*. Tradução José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2005.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo:Unesp, 1993.
- GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução. Maria Célia S Raposo. Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____, *Estigma: notas sobre a deterioração da identidade*. Rio de Janeiro: LTC, 1998.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: 1997
- _____, *De perto ninguém é normal*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- HAUSER, Arnold. *História Social da Arte e da Literatura*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- IANNI, Octávio. *Variações sobre arte e ciência*. In Revista Tempo Social. São Paulo: Edusp, 2004. Vol. 16
- JACQUET, Christine e COSTA, Livia Fialho. *Família e Mudança*. São Paulo: Cia. Ilimitada, 2004.
- JACQUET, Christine. *Relações conjugais e revelação de si nos meios populares*. In Cultura e Vida Urbana – ensaios sobre a cidade. (Org.) Proença, Rogério. Aracaju: UFS, 2008.
- PETRINI, João Carlos e CAVALCANTI, Vanessa R. Simon. *Família, Sociedade e Subjetividades*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Tradução André Teles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- SCHANAPPER, Dominique. *La compréhension sociologique: demarche de l'analyse typologique*. Paris:PUF, 1999.
- WEBER, Max. *A objetividade do “conhecimento” nas ciências sociais*. In Weber – Sociologia. Org. Gabriel Cohn. Ática: São Paulo, 1982.
- _____. *Ensaio de sociologia*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: LTC, 2002.